



Revista
de Psicologia

ISSN 2179-1740

O PROCESSO DE ADOLESCER NO DISCURSO DE MULHERES ADOLESCENTES DE UMA COMUNIDADE PERIFÉRICA EM MANAUS

*THE ADOLESCENT PROCESS IN THE DISCOURSE OF THE ADOLESCENT WOMEN IN A
PERIPHERAL COMMUNITY IN MANAUS*

Vilma Maria Gomes Peixoto Mourão¹
Rosângela Francischini²

Resumo

Este trabalho promove uma discussão acerca da adolescência. São abordadas questões relativas às diversas formas de entendimento dessa temática, para, assim, nos aproximarmos das concepções que mulheres adolescentes de um bairro periférico da cidade de Manaus desenvolveram acerca de suas adolescências. Trata-se de uma pesquisa exploratória de base qualitativa. Os registros foram construídos a partir de seis adolescentes entre 16 e 19 anos e os dados analisados por meio da análise de discurso (Pêcheux) com o intuito de orientar algumas ações de um projeto psicossocial denominado Comunidade Criativa e Solidária. Os resultados apontam que para algumas adolescentes a adolescência chegou sem muitas demarcações, como uma continuidade da vida, apenas acrescida de maior responsabilidade com as tarefas domésticas e os cuidados com os irmãos menores. Para outras, a adolescência possibilitou um pouco mais de liberdade. Outros relatos, no entanto, revelam o contrário: uma maior vigilância e controle por parte dos familiares, o que ratifica a maneira particular como cada adolescente vivencia essa etapa da vida. Assim, ao priorizar o olhar dessas mulheres sobre si mesmas, esperamos contribuir para o fortalecimento de perspectivas que possam, cada vez mais, dar voz aos adolescentes e, dessa forma, viabilizar novas possibilidades de entendimento do processo de adolecer.

Palavras-chave: Palavras-chave: Adolescência, mulheres, análise de discurso

Abstract

This work discusses adolescence. It addresses issues related to the different ways of understanding this theme, so as to approach the conceptions that adolescent women from a peripheral neighborhood of the city of Manaus have developed about their teenage years. This is an exploratory qualitative research. The records were constructed from six adolescents between 16 and 19 years old and the data were analyzed through discourse analysis (Pêcheux) in order to guide some actions stemming from psychosocial project called Creative and Solidarity Community. The results show that for some adolescents, adolescence came without much demarcation, as continuation of life, bringing only greater responsibilities with the domestic tasks and the care of the younger siblings. For others, adolescence allowed a little more freedom. Other reports, however, reveal the opposite: greater vigilance and control on the part of family members, which ratifies the particular way in which each adolescent experiences this stage of life. Thus, by prioritizing the look of these women on themselves, we hope to contribute to the strengthening of perspectives that may increasingly give voice to adolescents and, in this way, enable new possibilities for us to understand the adolescent process.

Keywords: Adolescence, women, discourse analysis

¹ Psicóloga clínica, mestre em educação, doutora em psicologia do desenvolvimento e educação, membro do Laço Analítico Escola de Psicanálise. E-mail: vilmamourao@hotmail.com

² Psicóloga, doutora em psicologia, professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. E-mail: rofrancischini@gmail.com

INTRODUÇÃO

A adolescência constitui uma fase importante do desenvolvimento humano e é abordada neste trabalho não em uma perspectiva *naturalizante*, que está em oposição ao viés histórico e social que esse termo comporta, mas em seu caráter mais amplo, colocando em cena, tanto os aspectos biológicos quanto as variações subjetivas e as determinantes socioculturais do contexto no qual a adolescência ocorre.

Falar da história dos adolescentes é falar da própria estrutura das sociedades, reconstruindo a história das relações sociais e dos mitos que as organizam, sendo necessário, também, desvelar os modelos conscientes e inconscientes de organização das relações humanas, primordialmente, da troca entre os sexos e da transmissão de poder (Lesourd, 2004).

Frente a essas questões, não podemos esquecer, como propõe Ariès (1981), que o conceito de adolescência é uma construção recente, estabelecido pela sociedade moderna e que, portanto, reflete sua cultura e seus códigos sociais, os quais, por sua vez, são amplos e variados. Trata-se de processos coletivos, mas que são vividos por cada um de maneira particular (Heilborn, 2006). Assim, entendemos, juntamente com esse historiador e com Outeiral (2008), que é preciso buscar as origens do termo adolescência e os usos sociais que dele se faz, sem restringi-lo aos aspectos biológicos e da puberdade.

Foi essa a direção que seguimos nesta pesquisa, cujo objetivo foi compreender os discursos de mulheres adolescentes de uma comunidade denominada "Buração" acerca da adolescência, visando complementar dados de uma pesquisa mais ampla sobre relacionamento amoroso na adolescência e, também, orientar algumas ações realizadas em um projeto psicossocial desenvolvido junto às crianças e adolescentes daquela comunidade¹.

A direção aqui adotada justifica-se pela necessidade de se considerar que não há homogeneidade nas formas de viver a adolescência, e isso tem a ver com o contexto no qual ela ocorre, pois "o leque de oportunidades sociais não é oferecido em igualdade de condições para jovens de diferentes classes" (Heilborn et al., 2009, p. 22). Desse modo, enquanto os adolescentes oriundos das classes média e alta vivenciam um prolongamento da adolescência, os que vivem em situação de pobreza são muitas vezes levados a encurtar ou mesmo pular a adolescência para assumir responsabilidades do mundo adulto. Em muitos casos, passando inclusive a serem responsáveis pelo

sustento da família (Aberastury, 1990; Outeiral, 1998; Birman, 2005).

Esses adolescentes, em sua maioria, encontram-se em situação de risco social. Estão envoltos pela violência social expressa na falta de condições materiais, de projetos de vida, no desemprego, nas dificuldades de acesso à cultura, ao lazer, à educação e à saúde (Pereira e Sudbrack, 2010). Nesse contexto, muitos jovens abandonam os estudos, seja porque só encontram na escola um sistema de forças que vigia, oprime e pune, seja porque compreendem que a escolarização não é mais o suficiente para encontrar um bom emprego (Lévy, 2001, citado por Pereira & Sudbrack, 2010).

Outros adolescentes evadem-se da escola porque internalizaram um sentimento de incompetência e fracasso, que pode ser também compartilhado pelos pais e professores (Gaulejac, 2006, citado por Pereira, & Sudbrack, 2010). Essa percepção pejorativa de si, tem a ver, dentre outros fatores, com os modelos econômicos vigentes. Tais modelos, por se guiarem por uma lógica perversa acabam por disseminar ideias que atribuem o fracasso ou sucesso de cada um unicamente a fatores individuais (Ximenes, Silva, Cidade, Camurça & Alencar (2015).

Desse modo, tais jovens são empurrados para o mundo do trabalho, que, por sua vez também tem alguns complicadores, pois, não podemos esquecer, hoje paira sobre a nossa sociedade o espectro do desemprego, do trabalho informal e temporário (Pereira, & Sudbrack, 2010). Além disso, devemos considerar que, embora algumas experiências com jovens que são inseridos no mercado de trabalho como tentativa de mantê-los afastados da ociosidade e das ruas possam ser consideradas exitosas (Guimarães, & Romanelli, 2002), é preciso considerar os riscos de uma entrada precoce no mundo do trabalho, o que pode levar a uma inserção artificial do jovem na vida adulta, como nos advertem Campos e Francischini (2003).

Desconsiderar essas diferenças pode enviesar nosso olhar acerca do que é ser adolescente. Não atentar também para as profundas mudanças dessa fase, dificulta percebê-la como uma etapa da vida, reduzindo-a ao último período da infância e, decididamente a adolescência não deve ser vista tão somente como uma passagem para a vida adulta. Para Rassial (1997), que concebe a adolescência como um *trabalho psíquico* e não como um processo determinado cronologicamente, a adolescência é marcada por uma relação com o estrangeiro, ou seja, com aquilo que há de novo e inusitado, e que, portanto, remete a muitas incertezas.

Essas incertezas são características dos

adolescentes, no entanto, passaram a assumir uma conotação negativa, desde os primeiros estudos acerca da adolescência, como os desenvolvidos por Stanley Hall, em 1904, no qual são colocadas em destaque a instabilidade dos adolescentes e a exacerbação de seus comportamentos, sejam eles de irritação, de excitação ou, ainda, depressivos. Visão prevalente ainda hoje nos estudos que tomam a adolescência como crise – crise entre gerações, crise de identidade (Oliveira, 2006) e, portanto, muitas vezes como problemática.

Essa forma de entendimento encontra em Melman (sem data; citado por Chassaing, 2004) e Calligaris (2013) uma leitura diferenciada, uma vez que, para esses psicanalistas, essa propalada crise só existe em nossa civilização, não havendo registro dela, por exemplo, nos textos das culturas gregas e latinas, onde a adolescência seria um mero período de introdução à vida adulta, sem os desdobramentos da moratória que se impõe aos nossos jovens.

Com essa perspectiva de moratória, desenvolvida originalmente por Erikson (1998), Calligaris (2013) defende ser inevitável uma insatisfação e inquietação dos adolescentes em nossa sociedade, pois “numa cultura individualista como a nossa, espera-se de antemão que qualquer sujeito se construa um lugar e se invente um destino contra o que a tradição e o berço onde nasceu lhe reservam” (p. 63). Situação que se relaciona a uma diluição dos ritos de passagem ao longo do tempo. De acordo com Manoni (2004), a única forma de passagem que é oferecida hoje aos jovens é o “modelo escolar”. Porém, algo grave acontece aí, pois eles não sabem em que são iniciados.

Diante das dificuldades evidenciadas para conceituar as adolescências e os adolescentes, podemos pontuar juntamente com Chassaing (2004, p. 37) que “a adolescência é este cruzamento de caminhos entre o íntimo e o social”. Todavia, a abertura desse pensamento ainda é limitada para caracterizar as adolescências. De acordo com Coimbra, Bocco e Nascimento (2005), a adolescência tem sido prioritariamente analisada por perspectivas desenvolvimentistas e patologizantes, como se fosse possível que todos andassem num só ritmo, em direção a um ponto traçado como padrão identitário. As adolescências são diversas, não podem ser tomadas como sendo única em todos os tempos e lugares, nem tampouco no mesmo tempo e lugar. De outro modo, ela se torna mítica, pois passa a ser compreendida como um dado natural, com normas de funcionamento e regras de expressão tomadas como padrão (Calligaris, 2013).

Do lado do adolescente, que vive sempre um

lugar de não ser (Lesourd, 2004), sua questão central, na verdade, é descobrir, a todo custo, o que querem dele. “O que eles querem de mim?” (Calligaris, 2013). Isso, em última instância, é o enigma de todo ser humano – o que o outro quer de mim?³

A questão maior, então, é que, para os adolescentes, esse enigma humano chega em um momento peculiar de sua existência, vivido sob a égide dos processos psíquicos característicos desse período, como, por exemplo, uma acentuação ou retorno da onipotência infantil (Noronha, Lopes, & Montgomery, 1993; Costa, 1988), a despeito da insegurança e fragilidade que marcam essa etapa da vida (Dolto, 2004).

Frente a esse emaranhado de detalhes que só reforçam a complexidade dessa “construção adolescente”, para utilizar uma expressão de Lesourd (2004), resta-nos afirmar o sofrimento dos jovens, com toda uma série de incompreensões acerca dessa fase da vida.

Daí entendermos que o trabalho de elaboração psíquica que cada adolescente tem pela frente, como proposto por Rassial (1997), não é tarefa fácil, devido à importância dos laços mútuos estabelecidos entre pais e filhos e o contexto sócio cultural em que eles estão inseridos. Razão pela qual, o olhar das adolescentes que compuseram esta investigação sobre essa fase da vida, nos trouxe algumas elucidacões acerca das vivências adolescentes em comunidades periféricas. De maneira mais específica, esses olhares nos apontaram as perspectivas por meio das quais as adolescentes da comunidade “Buracão”, local no qual se desenvolveu a pesquisa, têm percebido e vivenciado suas adolescências.

MÉTODO

Epistemologia da pesquisa

A questão epistemológica aqui proposta diz respeito ao paradigma de pesquisa no qual ancoramos esta investigação. Nesse sentido, foi com base em uma concepção de ciência que busca muito mais religar que separar os conhecimentos e que tem por princípio a complexidade que nos circunda (Morin, 2005) que indicamos os princípios que nortearam esta investigação. Também nos guiamos pelos pressupostos defendidos por Santos (1989) - um *novo paradigma*, o que nos conduziu para uma pesquisa de base qualitativa (Amado & Ferreira, 2013; Gonzales, 2002; Minayo, 2012).

Procedimentos Éticos

Os cuidados adotados no campo da ética (Confidencialidade das informações, privacidade, anonimato e devolução dos resultados aos participantes) tiveram por base os requisitos estabelecidos pela Plataforma Brasil por meio da resolução 466/2012 (CONEP, 2012), tendo o projeto de pesquisa sido aprovado por meio do parecer de número 952.251.

Os Instrumentos de Pesquisa

Durante a consecução da pesquisa foram construídos dois meios de apoio formal - uma entrevista semiestruturada (Minayo, 1999), um grupo focal (Amado & Ferreira, 2013; Gatti, 2005) e um procedimento de associação livre de palavras (Sá, 1996), realizado durante as entrevistas com o termo indutor "adolescência".

Tanto para a entrevista quanto para o grupo focal, os roteiros foram formulados de maneira adequada ao linguajar das adolescentes e ao objeto de investigação (Minayo, 2002), em que cada objetivo da pesquisa foi transformado em um *conceito análise* (Freire, 2005) a ser explorado na análise dos dados.

O lócus da pesquisa

A pesquisa foi realizada no bairro Colônia Antonio Aleixo (nome do antigo leprosário da cidade), localizado na zona leste da cidade de Manaus, mais especificamente na comunidade Fé II, denominada pelos moradores como "Buracão". Essa denominação se dá em função de sua localização, uma área com um declive bem acentuado.

Essa comunidade é tida como "muito violenta" em razão dos pontos de venda de drogas ali existentes, da falta de iluminação e das condições precárias de moradia. Assim, as pessoas que ali moram seguem mantendo uma relação de *exterioridade* com o "Buracão", que representa concreta e simbolicamente o *buraco* do bairro, o que ratifica o pensamento de Berman (1986, pp. 148-149) de que as diferenças espaciais refletem "as divisões de classes na cidade e no interior dos homens e mulheres".

Participantes

O grupo de pesquisa foi composto por 6 adolescentes com idades entre 16 e 19 anos, todas moradoras da comunidade buracão desde a infância. Assim, compuseram a pesquisa três

adolescentes com 16 anos, duas com 18 anos e uma com 19 anos.

Quanto à escolaridade, uma delas parou de estudar em função de ter engravidado, as outras cinco estão estudando, mas nenhuma está cursando a série correspondente à sua idade em termos de educação formal.

Essas adolescentes são oriundas de famílias em situação de pobreza, os pais ou responsáveis trabalham em atividades simples e com baixa remuneração. Outro fator importante acerca dessas famílias é o aspecto religioso, em que o protestantismo (Assembleia de Deus e Batista) é a religião predominante naquela comunidade.

Com o objetivo de facilitar a apresentação dos resultados, garantindo o anonimato das participantes, optamos por atribuir nomes fictícios às adolescentes, o que foi feito com a participação direta delas na escolha de seus codinomes. Desse modo, a referência aos dados será feita com base nesse recurso linguístico, ficando o grupo de participantes composto por Esmeralda, Girassol, Lua, Sol, Júpiter e Estrela.

A análise dos dados

O primeiro ponto da análise consistiu no levantamento das condições de produção dos discursos. Na sequência, buscamos a construção social desses discursos por meio dos "já ditos" que permeiam os discursos das adolescentes pela via das formações discursivas (FD) e formações ideológicas (FI) neles presentes (Pêcheux, 1988).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As condições de produção dos discursos das adolescentes

As *condições de produção* são definidas tanto por um contexto mais amplo, a conjuntura social, cultural e histórica, quanto pelas circunstâncias mais restritas nas quais os discursos são produzidos, pois sendo o discurso *efeito* de sentido entre interlocutores, requer considerarmos a tensão constituinte dessa relação. Nessa direção, consideramos nessa análise, o lugar discursivo talhado socialmente às adolescentes e seus desdobramentos frente aos procedimentos (instrumentos) utilizados na construção dos textos (dados).

As adolescentes que são os sujeitos organizadores dos discursos aqui analisados, por

ocuparem um dado *lugar social* – o de adolescentes – inscrevem-se em um determinado *lugar discursivo*, nem o de infante, no sentido daquele que *não tem voz* (Ariès, 1981), nem o de adulto, que, em tese, *está autorizado a falar de si* (Calligaris, 2013). Contraditoriamente, também se inscrevem no que se agrupa em torno de símbolos como saúde, juventude (Carreteiro, 2010) e como “aborrecentes”, na medida em que falam sem refletir seus dizeres (Cromack & Cupti, 2009). Cabendo, ainda, pontuar como parte desse contexto mais amplo, a comunidade “Buracão”, que é um local marcado pela exclusão visto a precariedade de alguns serviços essenciais ali prestados e as condições de vida naquela comunidade.

Afora essas observações mais amplas e gerais, no âmbito restrito da construção dos discursos, a reação de algumas adolescentes frente à proposta da entrevista revela certo estranhamento acerca da convocação que lhes fizemos – “Fale sobre você!” Essa postura também se repetiu durante as entrevistas e foi evidenciada por risos envergonhados e gestos, como esfregar as mãos, além de questionamentos relativos ao nosso interesse em ouvi-las. Em algumas situações, esse *estranhamento* apareceu na forma de condutas que ultrapassaram uma curiosidade mais apurada acerca da pesquisa e que foram entendidas como preocupações, por vezes excessivas, quanto à possibilidade de participar da pesquisa. Questionamentos do tipo: “Por que eu?”, “A pesquisa é sobre o quê mesmo?”, “O que você quer saber sobre mim?” feitos por Girassol (18 anos), após a explicação dos objetivos da pesquisa, repetiram-se em algumas entrevistas. Cabendo o registro de outras formas de resistências como os atrasos e as faltas às atividades propostas.

Com outras jovens, esse estranhamento foi evidenciado por meio de *marcas discursivas*. Como o caso de Esmeralda (16 anos), que comentou o seguinte: “é meio estranho falar assim de mim” e riu várias vezes, ora meio sem jeito, ora achando engraçada a situação de estar sendo entrevistada. Esse “estranho” que surge em seu discurso, pela própria natureza polifônica das palavras nos permite apenas certas inferências. Dentre as quais relatamos sua estranheza por alguém querer ouvi-la como adolescente (mesmo que, para alguns, o adolescente *não tenha muito a dizer*), pode também significar que ela não é corriqueiramente convocada a falar de si ou opinar sobre determinados assuntos.

Não podemos desconsiderar essas possibilidades, nem o detalhe dela estar grávida e sozinha, portanto, mais depreciada socialmente, a despeito dela, segundo seu relato, ter recebido apoio da família para levar a gravidez adiante e essa ser uma situação corriqueira naquela localidade.

Todavia, a análise que nos parece mais plausível é entender que tanto nesses gestos quanto nas expressões utilizadas, há um diálogo dessas adolescentes com as FDs que estão postas em suas vidas e que constituem o *lugar discursivo* que elas assumem. Lugar que se relaciona com o fato delas serem adolescentes, mulheres e moradoras da comunidade “Buracão”, cuja população é constantemente alijada de muitos serviços básicos que o Estado deveria promover. Mas que, por conta de toda essa conjuntura, mediada pela ideologia capitalista e neoliberal, não o faz, contribuindo para que aqueles que vivem em situação de pobreza não se reconheçam como pessoas que têm o que falar, nomeadamente, falar de suas vivências pessoais.

Tais observações nos permitem supor, também, que há em seus discursos uma aderência às FDs mais tradicionalistas e, conseqüentemente, às Fls pouco críticas que sustentam os discursos midiáticos, do *senso comum* e mesmo das ciências humanas e sociais. Tais ciências, muitas vezes, têm se debruçado sobre as questões relativas à adolescência prioritariamente por um viés *problemático* ou *patologizante* e que, no *senso comum*, recebe a pecha de “aborrecentes” (Cromack & Cupti, 2009).

Importante ressaltar, que também registramos reações distintas nas posturas adotadas por outras duas adolescentes que além de se mostrarem disponíveis para a entrevista, falaram abertamente durante nossos encontros, sobretudo quando falavam sobre questões familiares e mais gerais, prevalecendo, mesmo assim, um pouco de recato para falarem de si.

Durante o grupo focal, situações semelhantes repetiram-se, e a leitura que fizemos da conduta das adolescentes nesse momento coletivo – silêncio ou cautela para falar sobre suas vivências adolescentes, sobretudo no campo amoroso – é que houve uma reserva diante das outras garotas da comunidade, demarcando uma diferença clara de postura das adolescentes frente aos dois momentos da pesquisa, o individual e o coletivo.

Importante ressaltar, nesse ponto, a questão do contexto estudado. Como vimos, trata-se de mulheres adolescentes, em situação de pobreza e em circunstância inusitada (entrevista) que, por essas condições de produção discursiva, estariam mais suscetíveis a certo recato ou receio com as palavras. Esses aspectos são relevantes, pois não podemos esquecer, como propõe Accorssi (2012), que cotidianamente essas nuances psicossociais são impressas nos sujeitos e interferem nos pensamentos construídos acerca de si e do mundo, pelas implicações

materiais, ideológicas e simbólicas aí existentes.

Podendo se somar a essas condições, algumas questões de gênero, que dizem respeito à certa demanda social quanto à postura feminina. Segundo Perrot (2005), é parte de uma espécie de *código de conduta feminina*, que se sustenta num suposto *recato e retidão* “natural” de certas mulheres frente às suas questões e, sobretudo, frente às questões relacionadas à sexualidade.

Esses mecanismos *repressivos* apontam que o que se enuncia não é fruto apenas de uma infinidade de significados, mas de condições específicas que viabilizam determinados discursos. Desse modo, retomamos a proposta de Pêcheux de que é “o conjunto de mecanismos formais que traduzem um discurso dado em ‘circunstâncias’ dadas” (Pêcheux, 1997b, p. 74). De igual modo, para Freire (2005) o leque de ditos, não ditos e dizeres pode ser circunscrito: “age-se ou deixa-se de agir, fala-se ou deixa-se de falar dentro de um escopo de sentido delimitado pelas conformações discursivas socialmente estabelecidas, ou seja, pode-se dizer tudo, mas não se pode dizer tudo” (p. 63).

As adolescências na comunidade “Buracão”

Dentre todas as temáticas abordadas na pesquisa⁴, a adolescência foi a que mais suscitou silêncio entre as adolescentes. As suas percepções sobre esse *conceito-análise* seguiram caminhos muito próximos, todavia, com algumas especificidades.

Para algumas, a adolescência lhes chegou como continuidade da vida, com os devidos acréscimos de responsabilidades com as tarefas domésticas e cuidados com os irmãos menores. As falas de girassol (18 anos) apontam essa direção - “Adolescência *pra* mim acho que não é nada” e complementa - “*Pra* mim é isso, mais responsabilidade ainda com as coisas, a gente tem que pensar que agora a gente não é mais aquela criança, aumenta a responsabilidade”.

Para outras, como Esmeralda (16 anos), a adolescência é um tempo de alegria, liberdade de sair de casa e se divertir na rua com os amigos.. Em seus dizeres - “Liberdade, poder se divertir com as amigas, olhando e “azarando” [paquerando] os garotos”. Todavia, esse discurso se altera quando ela fala do período em que engravidou, “quando eu engravidei, mudou muita coisa, fiquei mais presa”. “Foi um período difícil, quase parei de estudar”. “*Pra* o pai do meu filho não mudou nada, nadinha. Só sobra *pra* mulher”. Relato que sinaliza as dificuldades enfrentadas pelas mulheres

em termos de responsabilização pela gravidez e os cuidados com a criança. Em muitos casos, a tarefa de cuidar da contracepção continua a ser um encargo feminino e está submetida à *autodeterminação* e à capacidade de *negociação com o parceiro* (Heilborn & Brandão, 2006).

A palavra “presa”, também aparece no discurso de Sol (16 anos), que qualifica a adolescência como um período de desconfiança por parte dos adultos, na medida em que segundo seus dizeres “as pessoas não confiavam mais”; “acham que toda vez que saímos é para namorar ou encontrar alguém”; “Daí fui ficando cada vez mais dentro de casa, presa”. Segundo Sol, essa mudança se deu à medida que sua mãe foi percebendo que ela estava “ficando uma mocinha” (crescimento dos seios, surgimento dos pelos pubianos), a partir daí, deu-se início às recomendações acerca dos cuidados para com as investidas dos meninos e os perigos da rua.

Para outras, ainda, a adolescência é percebida como uma época de mudar de *status*, na medida em que perceberam estar deixando os modos de viver da infância pelas mudanças que ocorreram nas relações discursivas com as mães. Júpiter (16 anos), de maneira mais enfática, relatou ter se tornado uma espécie de ouvinte de sua mãe, no sentido de haver mais intimidade entre elas, de “abrir mais o jogo”.

Se no relato acima é o padrão comunicacional com a mãe que se altera, por outro, é o olhar do *outro* que sinaliza a entrada na adolescência, pelas mudanças corporais ocorridas nas adolescentes, como nos aponta Sol (16 anos) - “(...) olha como ela cresceu”; “tá ficando uma mocinha”. Sendo importante o registro de que, em termos teóricos, as mudanças corporais se ligam mais à puberdade que à adolescência (Outeiral, 2008; Manoni, 2004).

Assim, adolescência no “Buracão”, a despeito daquilo que lhe é particular, certo isolamento do centro da cidade de Manaus (a comunidade fica cerca de 30 km do centro da cidade) e a pobreza das famílias que ali residem, surge, em seus discursos, pela via do reconhecimento que elas fazem de que estão deixando a infância e entrando na adolescência.

Esse reconhecimento se dá mais frequentemente, como já assinalado, pelo olhar do *outro*, embora tenha havido registro de que essa descoberta se dá também pela percepção de mudanças no próprio corpo, nas atitudes ou comportamentos, como nos confidenciou Sol (16 anos) - “quando a pessoa começa a se interessar por outra pessoa é porque já não é mais criancinha” Desse modo, ressaltamos essa dupla convocação por meio do pensamento de Ruffino (1995), para quem “o instante que põe em marcha a

adolescência se dá a alguém quando ele se vê convocado, desde o seu corpo e desde o olhar do outro, a ser algo diferente do que a criança” (p. 41).

Os dados revelam também o que outros estudos apontam: o encurtamento da adolescência em populações em situação de pobreza, dentre outros fatores, pelas *carências materiais* e também pela *gravidez precoce* (Outeiral, 1998; Birman, 2005), vale o registro de que uma entrevistada foi mãe aos 16 anos e outra com essa mesma idade, na ocasião da entrevista, estava grávida. Tais situações, muitas vezes, fazem com que essas mulheres se envolvam desde cedo com as tarefas domésticas e os cuidados com os irmãos mais novos ou com seus próprios filhos. Essas atribuições, em muitos casos, passam a ser prioritárias sobre qualquer forma de *educação escolarizada* (Louro, 2002), o que, de certa forma, configura um tipo de *trabalho infantil* (Campos & Francischini, 2003).

Nesse contexto, o trabalho doméstico, assim como o cuidado com as crianças, é visto como um trabalho *não produtivo*, sem valor e “naturalmente” destinado às mulheres. Por extensão, outras atividades desenvolvidas por mulheres e que se relacionam aos cuidados com o *outro* também tendem a ser desvalorizadas. Noutros termos, desqualifica-se a função, e quem a exerce, no caso, as mulheres (Fernandes, 1994).

Talvez por essas razões, algumas adolescentes da comunidade “Buracão” idealizem a infância demasiadamente, embora seus dizeres sobre essa fase da vida também retrate inúmeras dificuldades. Todavia, as *responsabilidades* que chegam com a adolescência parecem suplantar as dificuldades do passado. Seus relatos nos apontam os desafios enfrentados cotidianamente por muitas delas, dado que as realidades sociais em que vivem comportam inúmeras dificuldades para que elas tenham uma melhor qualidade de vida.

Desse modo, é frequente que os discursos das adolescentes sejam marcados por uma oposição entre a infância e a adolescência, oposição que se junta a outras oposições como: *adulto e criança, dependência e independência, tutela e responsabilidade, mundo do brinquedo e mundo do trabalho*. Com isso, o adolescente fica *meio nômade entre duas leis*: a criança brinca e o adulto trabalha (Rassial, 1997). Todavia, em muitas realidades brasileiras, essa lei não prevalece – as crianças e adolescentes não encontram espaço para a brincadeira, antes, trabalham muito.

Nesse sentido, algumas adolescentes se reconhecem mais facilmente nessa fase da vida. Mas há aquelas que se excluem desse grupo, como é o caso de Lua (19 anos), que, ao se descrever como

muito “quieta”, “tímida” e até “estranha”, se coloca como *diferente* dos adolescentes, descritos em seu discurso como *alegres e divertidos*, e que vivem mais livremente.

É importante ressaltar, também, que há, discursivamente, uma não prevalência da *posição sujeito adolescente*, uma vez que seus discursos foram mais ancorados em FDs orientadas pelos dizeres das famílias e das religiões professadas, com pouca incidência de falas compatíveis com a de seus pares. Tal aspecto nos remete ao lugar discursivo *socialmente determinado* a elas e que, de algum modo, elas parecem responder. Noutros termos, elas parecem se desautorizar a falar de si livremente, seja pelo fenômeno da antecipação (Pêcheux, 1997b), seja porque elas não encontram espaço entre os adultos para exporem seus pontos de vista e serem ouvidas com respeito.

A relação que elas estabelecem com o lugar onde moram é tendencialmente ambivalente – muitas delas estão adaptadas à comunidade, mas quase todas fazem menção aos aspectos violentos que perpassam seu cotidiano, como um fator muito negativo para morarem naquele lugar. Quase todas as adolescentes nasceram e se criaram naquela comunidade e seus discursos apontam a prevalente e quase exclusiva permanência naquele contexto. A forma restrita de contato com outras realidades e espaços públicos evidencia-se por meio de advérbios, tais como: *aqui no “Buracão”, lá na praça, lá na Escola, na casa da vovó, na Igreja*, contextos que se restringem ao bairro. Uma situação que configura uma amplitude de contato espacial muito limitada, pelo menos cotidianamente, já que também há registros de idas a balneários e a outros locais da cidade de Manaus. Entretanto, esses contatos acontecem esporadicamente e sua ampliação se processa tão somente por meio da mídia, das redes sociais e das atividades culturais (teatro, cinema, circo) promovidas pelo projeto comunidade solidária e criativa.

As histórias das adolescentes revelaram-nos pontos comuns e também bastante diversos entre si, sendo que nosso objetivo não foi empreender comparações entre suas vivências como adolescentes, as vidas dessas adolescentes não são comparáveis. Entretanto, não nos furtamos a olhar com atenção as semelhanças que permeavam seus discursos, embora sem perder de vista as especificidades discursivas e de suas histórias de vida.

Nessa perspectiva de construção e desconstrução dos discursos por meio da AD, os discursos das adolescentes apontaram-nos a *heterogeneidade dos discursos* (Authier-Revuz, 1990,

2004) por meio das FDs, que deram suporte às falas das adolescentes. Em muitos momentos, percebemos que, por um lado, esses discursos permanecem “reféns” de *interditos* e de tabus e, por outro, também tangenciam o novo, apontando, certos conflitos entre as relações *tradicionais* e as *mais atuais*.

Desse modo, elas sinalizam as ideologias, as crenças e os valores conflituosos na sociedade brasileira – os *tradicionais* e os *modernos* (Messeder, 2002) e que consiste num importante aspecto relativo à adolescência- a possibilidade de questionar o que está posto pelas gerações anteriores. No entanto, alguns estudos nesse campo insistem em argumentos que atribuem os desencontros vivenciados nessa fase da vida tão somente ao processo de adolecer, favorecendo a disseminação de uma *visão estereotipada* e que já nomeamos anteriormente de “aborrecentes” (Cromack & Cupti, 2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O enfoque que objetivamos dar a este trabalho foi o da desnaturalização da adolescência. Sem perder de vista sua construção sociocultural, enfatizamos a interação dos sujeitos com o meio que os circunda por meio da linguagem. Essa perspectiva adotada, pela própria dinâmica do trabalho, levou em conta também as trocas estabelecidas entre as adolescentes e a investigadora, o que tornou nossa tarefa ainda mais específica e complexa.

Também nos propusemos a seguir um viés que ao buscar entender as vivências da adolescência de maneira mais ampla e não como *problemáticas*, pudesse suscitar novas perspectivas, tendo por base o diálogo entre os discursos empreendidos pelas adolescentes e suas relações com a materialidade, a ideologia e o simbólico presentes no contexto em que a adolescência se desenvolve. No caso deste trabalho, a comunidade “Buracão”, um lugar marcado pela exclusão, muitas vezes referendado como o buraco do bairro.

Os achados a que chegamos só ampliam a necessidade de reafirmamos o caráter não *natural* das questões aqui abordadas - as adolescências e a situação de pobreza que envolve as adolescentes daquela comunidade - levando-nos a afirmar que, muito mais do que conclusões, temos um conjunto de reflexões, posto que compreensões nunca são definitivas.

Desse modo, enfatizamos a necessidade de mais estudos no âmbito das adolescências. Estudos que, sobretudo, levem em conta os elementos socioculturais, econômicos e políticos para

compreenderem essa etapa do desenvolvimento humano, visto que esses aspectos acabam por regular, mesmo que não exclusivamente, o modo de vida dessas populações e deixam marcas fundantes nos psiquismos desses jovens por meio dos discursos circulantes. Daí a importância de projetos de intervenções junto às populações periféricas como forma de fazer circular novos discursos e novos olhares sobre a vida dessas pessoas, suas situações de pobreza, seus determinantes e desdobramentos.

REFERÊNCIAS

- Aberastury, A. (Org.). (1990). *Adolescência* (6a. ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Accorssi, A., Scarparo, H., & Guareschi, P. (2012). A naturalização da pobreza: reflexões sobre a formação do pensamento social. *Psicologia & Sociedade*, 24(3), pp.536-546.
- Amado, J. & Ferreira, S. (2013). A entrevista na investigação educacional. In J. Amado (Coord.), *Manual de investigação qualitativa* (pp. 205-232). Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Ariès, P. (1981). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Authier-Revuz, J. (2004). Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In J. Authier Revuz, *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Berman, M. (1986). *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Cia. das Letras.
- Birman, J. (2005). *Tatuando o desamparo: a juventude na atualidade*. Acesso em 21 de setembro, 2015, em <https://chasqueweb.ufrgs.br/~slomp/edu01011/birman-tatuando-o-desamparo.pdf>
- Calligaris, C. (2013). *A adolescência*. São Paulo: Publifolha.
- Campos, H. & Francischini, R. (2003). Trabalho infantil produtivo e desenvolvimento humano. *Psicologia em Estudo*, 8(1), 119-129.
- Carreiro, T. (2010). Adolescências e experimentações possíveis. In M. Marra, & L. Costa (Orgs), *Temas da clínica do adolescente e da família*. São Paulo: Ágora.

- Chassaing, J. (2004). Mais tarde é agora! In I. Corrêa (Org.), *Mais tarde... é agora. Ensaios sobre a adolescência*. Salvador: Ágalma.
- Coimbra C., Bocco F., & Nascimento, M. (2005). Subvertendo o conceito de adolescência. *Arquivo Brasileiro de Psicologia*, 57(1). Acesso em 16 de julho, 2015, em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809_52672005000100002
- CONEP (2012) - Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. *Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos*. Acesso em 06 de janeiro, 2013 em <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Res0466.pdf>.
- Costa, J. (1988). Narcisismo em tempos sombrios. In J. Birman (Coord.), *Percursos na história da psicanálise* (pp. 151-174). Rio de Janeiro: Taurus.
- Cromack, L., & Cupti, D. (2009). Protagonismo Juvenil. In D. Monteiro, A. Trajano, & A. Bastos (Orgs.), *Gravidez e adolescência*. Rio de Janeiro: Revinter.
- Dolto, F. (2004). *A causa dos adolescentes*. Aparecida, SP: Idéias & Letras.
- Erikson, E. (1998). *O ciclo de vida completo*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Fernandes, A. (1994). *A mulher escondida na professora: uma leitura pedagógica do ser mulher, da corporalidade e da aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed.
- Freire, S. (2005). *O movimento dos sentidos sobre línguas estrangeiras no Brasil: discurso, história e educação* (Tese de Doutorado em Linguística). Universidade de Campinas.
- Gonzales, F. (2002). *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Thompson.
- Guimarães, R., & Romanelli, G. (2002). A inserção de adolescentes no mercado de trabalho através de uma ONG. *Psicologia em Estudo*, 7(2), 117-126. Acesso em 13 de março, 2013, em <http://www.scielo.br/pdf/pe/v7n2/v7n2a14>
- Heilborn, M. (2006). Entre as tramas da sexualidade brasileira. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 14(1). Acesso em 12 de fevereiro, 2013, em <http://dx.doi.org/10.1590/S0104026X2006000100004>
- Heilborn, M., & Brandão. (2006). Sexualidade e gravidez na adolescência entre jovens de camadas médias do Rio de Janeiro, Brasil. *Caderno de Saúde Pública*, 22 (7). Acesso em 14 de março, 2013, em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2006000700007
- Lacan, J. (1995). *O seminário. Livro 2: O Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (4ª ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lesourd, S. (2004). *A construção adolescente no laço social*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Manoni, O. (2004) A adolescência é analisável? In I. Corrêa (Org.), *Mais tarde... é agora. Ensaios sobre a adolescência*. Salvador: Ágalma.
- Messeder, S. (2002). "Namorei não, peguei": o pegar como uma forma de relacionamento amoroso-sexual entre jovens. *XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais*. Acesso em 09 de junho, 2016, em http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/Com_JUV_ST40_Messeder_texto.pdf.
- Minayo, M. (2002). *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Minayo, M. (2012). Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência, saúde coletiva*, 17(3). Acesso em 27 de maio, 2013, em <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>
- Morin, E. (2005). *Ciência com consciência* (8ª ed. revista e modificada pelo autor). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil
- Noronha, D., Lopes, G., & Montgomery, M. (1993). *Tocoginecologia psicossomática*. São Paulo: Almed.
- Outeiral, J. (1998). Violência no corpo e na mente: consequências da realidade brasileira. In Levisk, *Adolescência: pelos caminhos da violência: a psicanálise na prática social*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Outeiral, J. (2001). Adolescência: modernidade e pós modernidade. In C. Weinberg (Org.), *Geração delivery: adolecer no mundo atual* (2ª ed.). São Paulo: Sá.

Outeiral, J. (2008). *Adolescer* (3ª ed.). Rio de Janeiro: Revinter.

Pêcheux, M. (1988). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (2ª ed.). Campinas, SP: Unicamp.

Pêcheux, M. (1997a). A análise de discurso: três épocas. In F. Gadet, & T. Hak, *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, SP: Unicamp.

Pêcheux, M. (1997b). Análise automática do discurso. In F. Gadet, & T. Hak, *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, SP: Unicamp.

Pereira, S., & Sudbrack, M. (2010). A escola como contexto complementar à clínica da adolescência. In M. Marra, & L. Costa, *Temas da clínica do adolescente e da família*. São Paulo: Ágora.

Ruffino, R. (1995). Adolescência: notas em torno de um impasse. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 5(11), 41-46.

Sá, C. (1996). *Núcleo central das representações sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Santos, B. (1989). *Introdução a uma ciência pós-moderna*. São Paulo: Graal.

Ximenes, V., Silva, L., Cidade, E., Camurça, C., & Alencar, A. (2015). Pobreza e suas implicações psicossociais. In Accorssi, A., Bousfield, A., Gonçalves, H., Aguiar, K., & Guzzo, R. (Orgs.), *Distintas faces da questão social: desafios para a psicologia* (vol. 5, pp.149-176). Florianópolis: ABRAPSO; Edições do Bosque/CFH/UFSC.

e qualidade de vida, em que as atividades são desenvolvidas por meio de rodas de conversa, teatro do oprimido e oficinas diversas.

² Pobreza aqui compreendida como um fenômeno multidimensional, que ultrapassa as questões meramente econômicas, alcançando aspectos constitutivos da identidade individual e social dos sujeitos (Salama & Destremau, 1999, citado por Accorssi, Scarparo, & Guareschi, 2012).

³ Segundo Lacan (1998e, pp. 828-829), é "como desejo do outro que o desejo do homem ganha forma", isto é, "o desejo do homem é o desejo do outro". Desse modo, Lacan (1958, citado por Chediak, 2007) afirma: "na presença primitiva do desejo do Outro como opaco, como obscuro, o sujeito fica sem recursos" (p. 18). É diante dessa obscuridade do desejo do Outro que surge a questão – Che vuoi? Que queres? Isto é, o que o Outro quer de mim?

⁴ A pesquisa abordou outros aspectos como os relacionamentos amorosos, a iniciação sexual genital e a educação sexual nas famílias e nas escolas.

Notas

¹ As ações do projeto comunidade criativa e solidária têm por objetivo o desenvolvimento de ações com o fim de promover o fortalecimento dos laços sociais e abrir possibilidades de transformação das realidades pessoal e coletivas na comunidade. Essas ações são desenvolvidas em parceria com algumas universidades e visam levar entretenimento às crianças e adolescentes por meio de atividades culturais como cinema, circo e teatro, trazendo tais atividades para a comunidade ou deslocando as crianças e adolescentes para outros espaços; desenvolver ações para fortalecimento da cidadania, por intermédio da oferta de serviços como retirada de documentos e orientações sobre direitos dos cidadãos; disseminar hábitos de higiene e saúde com ações psicoeducativas e Sensibilização das famílias para as questões relativas à discriminação, preconceito, meio ambiente

RECEBIDO EM: 30/09/2017

PRIMEIRA DECISÃO EDITORIAL: 08/12/2017

VERSÃO FINAL: 18/12/2017

APROVADO EM: 22/12/2017